

EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Filosofia

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 714/2.ª Fase

7 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2016

VERSÃO 1

Indique de forma legível a versão da prova.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Deve riscar aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

1. O argumento «Alguns minhotos são portugueses; portanto, alguns portugueses são minhotos» é
 - (A) válido, porque a conclusão se segue da premissa.
 - (B) válido, porque a conclusão é verdadeira.
 - (C) inválido, porque a premissa é falsa.
 - (D) inválido, porque a premissa não apoia a conclusão.

2. A proposição «os gatos têm asas» não pode fazer parte de um argumento
 - (A) não sólido.
 - (B) inválido.
 - (C) sólido.
 - (D) válido.

3. Num bom argumento indutivo,
 - (A) as premissas são verdadeiras e a conclusão não pode ser falsa.
 - (B) as premissas são verdadeiras e é improvável que a conclusão seja falsa.
 - (C) as premissas não têm de ser verdadeiras, bastando que sejam prováveis.
 - (D) uma das premissas, pelo menos, tem de ser verdadeira.

4. «Não temos livre-arbítrio, porque ter livre-arbítrio é ter o poder de escolher algo, e nós apenas temos a ilusão de que podemos escolher.»

O orador que apresenta o argumento anterior incorre na falácia

 - (A) da petição de princípio.
 - (B) da derrapagem.
 - (C) do falso dilema.
 - (D) do boneco de palha.

5. O orador que apresenta o argumento «Não há provas de que Deus não exista; portanto, Deus existe» incorre na mesma falácia em que incorre aquele que apresenta o argumento seguinte.
 - (A) Deus existe, porque temos provas de que existe.
 - (B) Deus existe, tenhamos ou não provas de que existe.
 - (C) Deus não existe, porque não temos provas de que existe.
 - (D) Deus não existe, tenhamos ou não provas de que existe.

6. Considere as afirmações seguintes.

1. Todas as ações são acontecimentos.
2. Se uma ação tem consequências que o agente não previu, então não é intencional.

É correto afirmar que

- (A) 1 e 2 são verdadeiras.
- (B) 1 é falsa e 2 é verdadeira.
- (C) 1 e 2 são falsas.
- (D) 1 é verdadeira e 2 é falsa.

7. De acordo com a ética de Kant, o motivo moralmente válido para honrar compromissos é

- (A) o interesse dos envolvidos.
- (B) o benefício social.
- (C) o dever de o fazer.
- (D) a simpatia pelos envolvidos.

8. Segundo Kant, o imperativo categórico pode ser formulado do seguinte modo: age apenas segundo uma máxima tal que

- (A) ela se torne uma lei universal.
- (B) ela se torne um hábito para ti.
- (C) possas ao mesmo tempo querer que ela se torne um hábito para ti.
- (D) possas ao mesmo tempo querer que ela se torne uma lei universal.

9. Kant consideraria que uma pessoa que, motivada unicamente pelo sentimento de pena, ajudasse uma criança perdida na praia a encontrar os seus pais

- (A) praticaria uma ação com valor moral.
- (B) agiria em conformidade com o dever.
- (C) praticaria uma ação imoral.
- (D) agiria por dever.

10. Descartes considera que o *cogito* é um conhecimento especialmente seguro, porque é

- (A) obtido por um processo *a priori*.
- (B) imune ao próprio processo de dúvida.
- (C) confirmado pela experiência.
- (D) o fundamento do conhecimento.

GRUPO II

O Grupo II apresenta dois percursos:

Percurso A – Lógica aristotélica – e Percurso B – Lógica proposicional.

Responda apenas a **um** dos percursos.

PERCURSO A – Lógica aristotélica

1. A. Reescreva o silogismo seguinte na forma canónica.

Como é que as pessoas palavrosas podem ser inspiradoras? Claro que nenhuma o é, porque é óbvio que todas as pessoas inspiradoras têm ideias claras e que nenhuma pessoa com ideias claras é palavrosa.

2. A. Escreva a proposição em falta, de modo a obter um silogismo válido.

Alguns filósofos são pianistas.

_____ .

Logo, alguns pensadores são pianistas.

PERCURSO B – Lógica proposicional

1. B. Interprete a fórmula seguinte, tendo em conta o dicionário apresentado.

P = Francis Bacon é filósofo.

Q = Francis Bacon é político.

R = Francis Bacon é pintor.

$(P \vee Q) \rightarrow \neg R$

2. B. O que se segue da afirmação dada, aplicando uma das leis de De Morgan?

É falso que Hume seja inglês ou irlandês.

GRUPO III

1. Leia o texto.

Numa associação industrial cooperativa, será justo que o talento e a perícia deem direito a uma remuneração superior? Os que respondem negativamente defendem que aqueles que fazem o melhor que podem merecem ser pagos da mesma maneira, e que seria injusto colocá-los numa posição de inferioridade por algo de que não têm culpa. [...] A favor da perspectiva contrária, alega-se que a sociedade recebe mais do trabalhador mais eficiente, e que, como os seus serviços são mais úteis, a sociedade lhe deve uma maior compensação. [...] Como escolher entre estes apelos a princípios de justiça rivais?

Neste caso, a justiça tem dois lados, sendo impossível harmonizá-los, e os dois disputadores escolheram lados opostos – um olha para aquilo que é justo que o indivíduo receba; o outro, para aquilo que é justo que a comunidade lhe dê. Cada uma destas posições é, do ponto de vista de cada disputador, incontestável, e qualquer opção por uma delas [...] tem de ser completamente arbitrária. Só a utilidade social pode decidir a prioridade.

J. S. Mill, *Utilitarismo*, Porto, Porto Editora, 2005, pp. 98-99 (adaptado)

- 1.1. Explique o princípio geral, indicado por Mill, que permite resolver de forma não arbitrária conflitos entre princípios rivais, como o exemplificado no texto.
- 1.2. Mostre que o princípio da diferença, defendido por Rawls, permite uma retribuição maior para os mais talentosos.

GRUPO IV

1. Será correto afirmar que, no passado, as pessoas sabiam que o Sol girava em torno da Terra? Justifique a sua resposta, tendo em conta a definição tradicional de conhecimento.
2. Leia o texto.

Quando pensamos numa montanha de ouro, estamos apenas a juntar duas ideias consistentes, a de *ouro* e a de *montanha*, as quais já conhecíamos anteriormente. Podemos conceber um cavalo virtuoso porque, a partir dos nossos próprios sentimentos, podemos conceber a virtude, e podemos uni-la à forma e à figura de um cavalo, animal que nos é familiar. [...]

A ideia de Deus, no sentido de um *Ser infinitamente inteligente, sábio e bondoso*, deriva da reflexão sobre as operações da nossa própria mente e de aumentar sem limites aquelas qualidades de bondade e sabedoria.

D. Hume, *Investigação sobre o Entendimento Humano*, Lisboa, IN-CM, 2002, p. 35 (adaptado)

Hume dá uma explicação empirista da origem de todas as ideias.

Partindo do texto, justifique a afirmação anterior.

3. Leia o texto.

[Para uns,] a comunidade científica avança com base em argumentação sólida sustentada por indícios empíricos sólidos. De acordo com eles, o estilo de raciocínio promovido pela ciência, modelado pelo método científico, é o estilo que melhor contribui para o conhecimento. [...]

[Outros, porém,] comparam [...] a substituição de uma teoria científica dominante numa área de investigação a uma conversão religiosa. A comunidade científica não é um agente racional coletivo que, de uma maneira objetiva, pesa razões a favor e contra teorias concorrentes.

L. Bortolotti, *Introdução à Filosofia da Ciência*, Lisboa, Gradiva, 2008, pp. 210-211 (adaptado)

Compare, a partir do texto, as perspetivas de Popper e de Kuhn acerca da objetividade da ciência.

GRUPO V

É um facto que há diferenças culturais e que há pessoas com opiniões muito diferentes em relação a valores.

Será que este facto mostra que não há valores objetivos?

Na sua resposta, deve:

- identificar inequivocamente a perspetiva que defende;
- argumentar a favor da perspetiva que defende.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item			Cotação (em pontos)
	Cotação (em pontos)			
I	1. a 10.			50
	10 × 5 pontos			
II (A ou B)	1.	2.		15
	10	5		
III	1.1.	1.2.		35
	15	20		
IV	1.	2.	3.	70
	20	25	25	
V	Item único			30
TOTAL				200

Prova 714

2.^a Fase

VERSÃO 1